

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E GESTÃO
DE POLÍTICAS PÚBLICAS.**

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**LUCAS MESQUITA CORRÊA – 17/0016846
ORIENTADOR: CARLOS ALBERTO RAMOS**

**MONOGRAFIA
ECONOMIA E FELICIDADE: UMA ANÁLISE DE INDICADORES
SOCIOECONÔMICOS NO BRASIL**

BRASÍLIA-DF

2023

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
2.1 A FELICIDADE SOB PERSPECTIVA FILOSÓFICA	5
2.2 A FELICIDADE SOB PERSPECTIVA DA ECONOMIA CLÁSSICA.....	5
2.2.1 A FELICIDADE SOB PERSPECTIVA UTILITARISTA	7
2.3 A ABORDAGEM DA ECONOMIA NEOCLÁSSICA E DA CORRENTE <i>MAINSTREAM</i>	9
2.4 O PARADOXO DE RICHARD EASTERLIN	11
2.5 A HABITUAÇÃO PSICOLÓGICA E A RENDA RELATIVA COMO FATORES EXPLICATIVOS	12
2.6 DOS SUBSTITUTOS DA RENDA E A INCORPORAÇÃO DE OUTRAS VARIÁVEIS.	14
3 SELEÇÃO E ANÁLISE EXPLORATÓRIA DAS VARIÁVEIS PREDITORAS.....	16
3.1 MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA DAS VARIÁVEIS ECONÔMICAS	16
3.2 MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA DAS VARIÁVEIS NÃO ECONÔMICAS.....	16
3.3 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS.....	17
4 ANÁLISE EMPÍRICA DOS DADOS SELECIONADOS	27
4.1 MODELO DE REGRESSÃO LINEAR SIMPLES	27
4.2 MODELO DE REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA.....	27
4.3 CÁLCULOS E ANÁLISES ESTATÍSTICAS.....	28
4.4 ANÁLISE DAS REGRESSÕES REALIZADAS	30
5 CONCLUSÃO.....	33
BIBLIOGRAFIA	35

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dispersão Bem-estar Subjetivo e log PIB per-capita com linha de tendência	18
Gráfico 2 - Dispersão Bem-estar Subjetivo e desemprego com linha de tendência.....	19
Gráfico 3 – Dispersão Bem-Estar subjetivo e % subutilização com linha de tendência	20
Gráfico 4 – Dispersão Bem-Estar subjetivo e % pobreza com linha de tendência	21
Gráfico 5 – Dispersão Bem-estar subjetivo e Índice de confiança do Consumidor com linha de tendência.....	22
Gráfico 6 – Dispersão Bem-estar subjetivo e Suporte Social com linha de tendência.....	23
Gráfico 7 – Dispersão Bem-Estar e Expectativa de vida saudável ao nascimento com linha de tendência.....	24
Gráfico 8 – Dispersão Bem-Estar e corrupção com linha de tendência	25

TABELAS

Tabela 1 – Tabela de correlação entre variáveis selecionadas e o bem estar	17
Tabela 2 – Regressões Lineares simples e múltiplas.....	29

1 INTRODUÇÃO

No desenvolvimento da ciência econômica, a economia tradicional historicamente se concentrou em fatores econômicos e financeiros para explicar e entender a prosperidade das nações. Até os dias atuais, o grau de consumo de uma pessoa ou o nível de produção de um país são entendidos, por esta corrente, como fatores principais para o desenvolvimento humano. A economia da felicidade, campo específico do amplo estudo econômico, porém, surge como uma ramificação e apresenta abordagem alternativa à economia tradicional. Ao direcionar os esforços para elucidação do bem estar (ou da felicidade) para além dos aspectos financeiros ou consumistas, o campo da economia da felicidade reconhece, cada vez mais, que os indicadores puramente econômicos não são suficientes para explicar o bem estar humano, devendo ainda ser considerada a relevância de indicadores sociais diversos que reflitam diretamente na qualidade de vida das pessoas.

Na última década, o Brasil se inseriu num contexto de ampla variação de indicadores socioeconômicos diversos, como o suporte social, o desemprego e a pobreza. A ocasião levanta a oportunidade de avaliação da relação desses fatores e o bem estar no país nos últimos anos. Assim, as flutuações desses indicadores vivenciadas pela população brasileira permitem e tornam exequível uma investigação sobre a relação entre a felicidade da população e outros fatores diversos, como o emprego, a pobreza, o suporte social, a saúde, entre outros.

Dado o contexto apresentado, o presente trabalho tem como objetivo central analisar a relação entre fatores socioeconômicos diversos e o bem estar no Brasil. Busca abordar a relação entre variáveis sociais e a felicidade no país, amparado por métodos estatísticos (regressões) e estudos econômicos. Dado o objetivo supracitado, esta monografia foi estruturada da seguinte forma, a saber: no segundo capítulo é explorado como a abordagem e o entendimento econômico evoluiu até o desenvolvimento da economia da felicidade. O terceiro capítulo apresenta os dados utilizados para o caso do Brasil, explorando possíveis correlações e outros indicadores estatísticos importantes. No quarto capítulo são realizados métodos estatísticos utilizando os dados apresentados no capítulo anterior, para avaliar a relação dos diversos fatores. Por derradeiro, no quinto capítulo serão discutidas e expostas as conclusões provenientes dos resultados obtidos nas regressões realizadas e das demais discussões desta monografia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A FELICIDADE SOB PERSPECTIVA FILOSÓFICA

A discussão acerca da felicidade e sua busca é uma temática de várias áreas do conhecimento humano e até os dias atuais apresenta problemáticas complexas não somente para o campo da filosofia e da psicologia, mas também para o campo econômico. Antiga e recorrente, a temática já era abordada por filósofos notórios como Aristóteles.

Na abordagem de Aristóteles (384-322 a.C) a felicidade, ou o “viver bem”, seria o bem último, o qual a sociedade civil almeja e direciona seus esforços para obtê-lo (A política; 3ª Edição. 2006; Martins Fontes págs 55-56). Sob leitura do pensador, os recursos e as riquezas comercializadas (incluídos no que se refere como “instituições”) seriam meros objetos que se traduzem como meios para aproximar as pessoas do bem último, que é uma vida feliz. A filosofia do autor assume que o bem viver é estritamente dependente do próprio ser, ou seja, depende do próprio ser humano, seja por meio de virtudes, valores ou princípios. Porém, não sugere a desassociação da felicidade em relação a fatores externos à pessoa, como as relações sociais e o acesso a bens diversos. A breve supracitada leitura de Aristóteles, sobre os recursos e suas orientações, poderia ser vista como uma das primeiras abordagens econômicas, uma vez que trata dos bens escassos, emprega as suas utilidades e já discute o que hoje é amplamente denominado como bem-estar e suas razões.

2.2 A FELICIDADE SOB PERSPECTIVA DA ECONOMIA CLÁSSICA

Nos primórdios da ciência econômica, que foi introduzida por autores como Adam Smith e David Ricardo, a temática felicidade, apesar de abordada por vezes de maneira direta (como foi na obra “*Teoria dos Sentimentos Morais*”, Smith A.), não teria o aprofundamento na teoria econômica, especialmente o aprofundamento científico, que hoje se tem desenvolvido fundamentalmente pelo campo da psicologia. Além disso, o tema felicidade é apenas tangenciado nas escrituras econômicas clássicas. Entretanto, Adam Smith, em “*A riqueza das nações*”, por muitos considerado o pai da economia e do liberalismo econômico, tratou a felicidade em termos substitutos, o qual o denominava por satisfação, bem-estar, vantagem ou benefícios, apesar da sua obra abordar essencialmente a teoria do crescimento econômico. Para

o filósofo e economista, as principais medidas para o aumento do nível de satisfação seria o crescimento econômico (produção de bens e serviços), admitindo-se que quanto maior a quantidade de produto disponível (entende-se como bens e serviços diversos), maior o nível de riqueza e bem-estar daquela comunidade. A sociedade estaria, portanto, orientada a otimizar o nível de produção de maneira a elevar o nível de bem-estar social.

Em *A riqueza das Nações*, são desenvolvidas as ideias econômicas que têm por objetivo a otimização do nível de produção, as quais compreendem a doutrina econômica liberal. Em síntese, para alcançar o maior nível possível de produção, a economia deveria ser regida cada vez mais pelas leis de mercado e cada vez menos interferida por políticas governamentais. A divisão do trabalho teria papel fundamental no aumento da produção de uma sociedade, de modo que cada agente produtor deveria se especializar no processo que se tem maior habilidade, aumentando assim a eficiência do processo produtivo. Além disso, Smith (1776, p. 436), em uma de suas máximas ensinava que os indivíduos, ao buscar pela otimização da própria vantagem e das próprias ambições, estariam contribuindo de maneira ótima com o progresso da coletividade.

Temos que, nesse ponto, sob o entendimento de Adam Smith, a felicidade está condicionada ao nível de produtividade da comunidade. É assumido implicitamente que as riquezas oriundas do trabalho, ou seja, os bens e os serviços ofertados pelo mercado, são os principais responsáveis pela elevação do bem-estar dos indivíduos. Em resumo, assumia-se que a disponibilidade de bens e serviços (leia-se poder de consumo) está positivamente relacionada com a felicidade.

Em sequência do desenvolvimento das ciências econômicas, surge a doutrina utilitarista, alimentada pelo pensamento liberal difundido por Adam Smith. Embora Smith não tenha desenvolvido o pensamento utilitarista, os conceitos por ele apresentados em suas obras (como a mão invisível do mercado e a crença que a busca pelo atendimento do próprio interesse dos indivíduos resultaria em benefícios ótimos para a coletividade) tiveram papel fundamental na contribuição para o surgimento da corrente ideológica utilitarista introduzida por Jeremy Bentham, que até a atualidade orienta os estudos econômicos.

2.2.1 A FELICIDADE SOB PERSPECTIVA UTILITARISTA

A teoria utilitarista desenvolvida por Jeremy Bentham em *Principles of Morals and Legislation* trata dos princípios morais e das sensações de prazer e sofrimento causados pelas ações individuais e coletivas. O utilitarismo de Bentham prega que a busca da justiça social é dada pela maximização da felicidade (que também é tratada pelo termo *utilidade*) coletiva. Isto se daria por meio do aumento dos prazeres e pela diminuição das dores e dos sofrimentos individuais considerando todos os indivíduos da sociedade. Observa-se que na concepção de Bentham a busca pelo bem-estar social poderia gerar disparidades nos níveis de felicidade entre os indivíduos, uma vez que o nível de bem-estar a ser buscado, inclusive por meio das leis, seria equivalente ao somatório de utilidade de todos indivíduos (*a maior felicidade*). Dessa maneira, sacrifícios poderiam ser realizados desde que resultasse na maior felicidade possível. O ato que resultasse na maior felicidade deveria ser buscado, ainda que em detrimento da felicidade das minorias, ou ainda que gerasse insatisfação dessas, traduzindo-se assim como uma ação moral.

A doutrina utilitarista desenvolvida por Bentham entende que os aspectos morais da sociedade (totalidade dos interesses dos membros que constituem a sociedade) devem orientar as atitudes dos indivíduos de maneira a obter o maior nível de felicidade possível. A moralidade de uma ação poderia ser medida, nessa perspectiva, na amplitude que essa causa felicidade. A atitude seria tida como moral se promovesse a maior utilidade possível, ou seja, se a ação tende a aumentar a felicidade mais do que tende a diminuí-la. Bentham denominou a maximização da felicidade como *princípio da utilidade*.

Importa ressaltar que Bentham (1781, p.15-16) tratou diretamente da temática felicidade (isto é, assume explicitamente a palavra felicidade e suas variações equivalentes, como benefício, vantagem, prazer, bem, et cetera) e abordou o tema com um caráter pragmático. O pragmatismo utilitarista trata de quais ações (ou da natureza dessas) dos indivíduos e dos governos são necessárias para o alcance da felicidade.

De acordo com o autor as circunstâncias (ou fatores) que influenciariam o nível de felicidade promovida pelos atos seriam, a saber:

- 1) intensidade;
- 2) duração;
- 3) certeza ou incerteza;
- 4) proximidade no tempo ou longinquidade;
- 5) fecundidade (“*probabilidade do ato ser seguido por sensações do mesmo tipo*”);
- 6) pureza (“*probabilidade do ato não ser seguido por sensações do tipo contrário*”) e,
- 7) extensão (número de pessoas que o sentimento de prazer ou sofrimento alcança).

A fecundidade e a pureza, fatores que possuem conceitos mais complexos, podem ser exemplificadas com as seguintes ocasiões: a atuação de um músico de rua poderia ter no seu exercício a fecundidade, pois, para além do seu prazer em reproduzir músicas em público, pode, por conseguinte, agradar as pessoas que ali passam gerando mais sensações de prazer. Por outro lado, uma noite de intensa boêmia (fator de prazer) pode ser seguida de sensações contrárias, como a ressaca (sofrimento), expressando assim o fator pureza.

O cálculo, portanto, para Bentham (1781, p. 32), consiste no somatório de todos os prazeres e sofrimentos que o ato promove, observados os fatores supracitados. Se o resultado da soma simples, em que os sofrimentos somariam negativamente, fosse positivo, então teríamos uma boa tendência geral do ato. Caso contrário, ou seja, se os sofrimentos superassem os prazeres proporcionados, teríamos uma má tendência geral. Dessa maneira, nasce a ideia de que a felicidade, ou a utilidade, seria não apenas entendida em termos quantitativos, mas seria também mensurável. Evidencia-se que, na tentativa de restringir-se aos estudos econômicos e evitar a problemática que a palavra felicidade envolve, o termo *utilidade* será utilizado incansavelmente para designar o benefício de uma realização (na maioria das vezes o consumo) pelos teóricos economistas a partir de então.

A abordagem utilitarista é objeto de estudo de diversas áreas da ciência, como a ciência jurídica, filosófica, sociológica e econômica. Apesar da doutrina ser alvo de duras críticas, especialmente pela filosofia e pela sociologia, a ciência econômica teve a teoria utilitarista como pilar para o seu desenvolvimento.

2.3 A ABORDAGEM DA ECONOMIA NEOCLÁSSICA E DA CORRENTE MAINSTREAM

Autores como Walras L. (1834-1910), Jevons W.S (1835-1882) e Menger C. (1840-1921) marcaram o final do século XIX e o início do século XX com o desenvolvimento dos estudos econômicos, que ficou conhecido como corrente neoclássica de economia. Sob influência do utilitarismo de Bentham, Jevons introduziu, em *The Theory of Political Economy*, os conceitos de utilidade marginal, aprimorou os métodos quantitativos apresentados pela teoria utilitarista e rompeu com o conceito do valor-trabalho assumido pela teoria clássica (Adam Smith e David Ricardo) e pela teoria Marxista de economia. Explica-se que, de acordo com a corrente clássica, o valor de um bem se originaria da quantidade de trabalho empenhado para a produção daquele bem. Dessa maneira, o valor de uma cadeira que demandou oito horas para ser construída teria o dobro do valor de uma joia que demandou quatro horas de trabalho para ser fabricada, pois a razão entre o valor da jóia e o valor da cadeira resulta em meio.

Para Jevons o valor de troca (termo abandonado e renomeado como “*relação de troca*”) de determinado bem seria variável em função do seu consumo. Em sua argumentação, bens perdem o valor na relação de troca à medida que tiveram exercido seu efeito útil. Dessa maneira, Jevons (1871 p.93-94) entende que bens que exerceram a sua utilidade total estariam desprovidos de poder de compra. Um copo de água, por exemplo, detém elevado poder de compra para pessoas sedentas que não possuem água em disponibilidade. À medida que a água se torna abundante e as pessoas têm a sede saciada, o seu valor de compra ou sua relação de troca será decrescida, ou seja, perderá valor. Este fenômeno foi denominado por Jevons como “*Lei da Variação da Utilidade*” (p. 73-74). A importância de tomar conhecimento da abordagem neoclássica sobre o valor dos bens e da Lei da Variação da Utilidade, o que depois veio se tornar conhecido como Teoria Subjetiva do Valor, consiste em compreender que o conceito de utilidade, que está intrinsecamente vinculado ao termo felicidade, possui caráter subjetivo, expressando valores distintos a depender de a quem se apresenta e em quais circunstâncias. Implicitamente, assume-se que o acréscimo de x% do produto total de uma sociedade pode não gerar impacto sobre a utilidade dos indivíduos.

Na mesma corrente de Jevons, Walras, em “*Compêndio dos elementos de economia política pura*”, aborda a Economia em seus aspectos matemáticos de maneira sistemática. Por

ele foi elaborada a teoria geral do equilíbrio e desenvolvidas as ideias sobre a oferta e a demanda (apresentadas anteriormente de maneira embrionária por Adam Smith), utilizando-se de equações para apresentar os comportamentos econômicos e como as diferentes variáveis interagem entre si.

Em suma, o movimento neoclássico econômico esforçou-se para promover as ciências econômicas à uma ciência dura, tal como é a física. Acreditava-se que com o desenvolvimento da matemática estatística, a Economia perderia cada vez mais a natureza de ciência humana e passaria a deter a natureza de ciência exata. Jevons por vezes auto classifica sua obra, que trata exclusivamente de aspectos econômicos, como um produto de ciência exata. A tentativa da corrente neoclássica em desassociar a Economia das ciências humanas pode ter sido motivo que levou os economistas a se distanciarem da temática felicidade no âmbito econômico e se aproximarem dos conceitos da física e da matemática, levando inclusive à incorporação do cálculo newtoniano (diferencial) ao cálculo econômico. Após o movimento neoclássico de economia, outras escolas e correntes foram desenvolvidas, como a teoria keynesiana e a teoria monetarista. Cumpre ressaltar que a influência do utilitarismo de Bentham e da revolução marginalista promovida pela Economia neoclássica impactaram de maneira definitiva o pensamento econômico, de forma que cada vez mais se empenha no desenvolvimento de modelos e métodos matemáticos para explicar os fenômenos econômicos em sua totalidade. Os conceitos exatos de utilidade, felicidade, bem-estar, satisfação e etc tornaram-se secundários, sendo o aumento da produção e da produtividade (bem como suas naturezas) o agente que protagonizou todo o estudo econômico *mainstream* e orientou/orienta a adoção de políticas públicas e estatais de diversos países até os dias atuais.

Em conformidade com a racionalidade econômica desenvolvida pelas diversas escolas de economia, os esforços humanos deveriam, portanto, estar direcionados ao aumento do nível do produto. Destarte, a doutrina utilitarista ganhou enorme relevância e desde então tem-se assumido (de maneira implícita), no debate principal (ou seja, onde se concentram os maiores esforços para elucidação de problemáticas e proposição de soluções econômicas), que o principal fator determinante do bem-estar humano estaria vinculado ao nível de consumo de bens e serviços pelos indivíduos. Conclui-se que o aumento do nível do consumo (ou do produto), que pode ser alcançado pelo aumento da renda ou pela diminuição dos custos dos bens a serem consumidos, é objetivo essencial para o alcance do bem-estar dos indivíduos, da satisfação humana e, portanto, da felicidade.

Dessa forma, se o aumento da disponibilidade de bens é o objeto motivador de satisfação (ou utilidade) para os indivíduos, entende-se que o crescimento de indicadores como o Produto Interno Bruto - PIB (somatório de todos bens e serviços produzidos por determinada comunidade) é objetivo fundamental do Estados e seus agentes, de maneira que quanto maior for a disponibilidade do produto total, maior será a satisfação e bem-estar daquela sociedade. O nível do produto (PIB) de uma sociedade passa a ser medida de prosperidade e finalidade central de um país, admitindo-se tacitamente que seu crescimento é gerador de bem-estar, satisfação ou felicidade.

2.4 O PARADOXO DE RICHARD EASTERLIN

Easterlin R. (1974), economista americano e professor da Universidade da Califórnia, sugere o rompimento com as práticas da economia mainstream ao publicar o artigo “Does Money Buy Happiness?”. No artigo publicado é colocado em posição frágil o direcionamento dos esforços para o ganho de produtividade e crescimento do PIB. Easterlin observa a não proporcionalidade do crescimento econômico com a percepção de felicidade das pessoas no longo prazo. É averiguado que apesar do aumento da renda dos Estados Unidos entre 1946 e 1970, o nível da felicidade média não apresentou tendência de crescimento para o mesmo período.

Ainda de acordo com os estudos de Easterlin (posteriores), para o caso do Japão, que teve forte crescimento econômico no período de 1958 a 1987 (produto real per capita cresceu, no período, aproximadamente 500%), elevando a presença de bens duráveis como eletrodomésticos (televisores, máquinas de lavagem de roupa, geladeiras, entre outros) e automóveis nas lares japoneses. Observou-se também o mesmo comportamento que no país norte-americano: a média no bem-estar subjetivo se manteve sem tendência de alta e sem melhoras, apesar do forte aumento do produto no período.

Em suma, concluiu-se que a elevação das rendas não faz, necessariamente, as pessoas mais felizes no longo prazo. A constatação promove uma ruptura com os estudos econômicos anteriores porque fragiliza o objetivo do aumento da renda, que seria o ganho de satisfação, bem-estar ou de felicidade. As práticas econômicas firmaram (sem embasamento estatístico ou

científico rígido) o entendimento que o crescimento da economia geraria, por meio do ganho de utilidade, o bem-estar ou a satisfação.

A fraca relação da renda com o bem-estar apurada em “Does Money Buy Happiness?” ficou conhecida como Paradoxo de Easterlin. Apesar de Easterlin ter sido pioneiro a realizar o estudo, vários outros estudos sobrevieram à publicação do artigo e obtiveram conclusões semelhantes. Aponta-se: Smith T. (1979, p.18-30) e - Campbell A. (1981).

A sugestiva denominação da relação renda e bem-estar no longo prazo é cabível, sendo paradoxo definido como o “argumento que contraria os princípios básicos e gerais que costumam orientar o pensamento humano, ou desafia a opinião consabida, a crença ordinária e compartilhada pela maioria”¹ e, dessa forma, apresenta questionamento sobre o uso de medidas de crescimento econômico (aponta-se o PIB) como métricas da prosperidade das nações.

Por outro lado, a relação renda e bem-estar, quando avaliada em termos não temporais, ou seja, em um único período de tempo, e dentro de um território bem definido (normalmente um país), temos que as pessoas com maior renda tendem a se auto declararem mais felizes que as pessoas de renda menor. Essa constatação para o curto prazo foi demonstrada em “*Subjective Well-Being and Income: Is There Any Evidence of Satiation?*” (Stevenson e Wolfers) o que gerou uma série de reflexões sobre o paradoxo de Easterlin e seu significado em razão dos resultados serem anti-intuitivos. Ora, se no longo prazo não é esperado que o crescimento da renda provoque aumento da felicidade, o mesmo se espera, intuitivamente, para o curto prazo.

2.5 A HABITUAÇÃO PSICOLÓGICA E A RENDA RELATIVA COMO FATORES EXPLICATIVOS

Como contribuição apresentada que colaborou para o desenvolvimento da economia comportamental e para o entendimento do imbróglgio supracitado, cita-se o estudo desenvolvido por pesquisadores da Universidade Northwestern (Brickman e Coates) e da Universidade de Massachusetts (Janoff-Bulman) de 1978.

¹ Definição de acordo com o dicionário Oxford Languages, acessível em: <https://bit.ly/3Z0QA9v>.

No estudo, foram entrevistadas pessoas vencedoras de loterias e pessoas vítimas de acidentes que culminaram na perda dos movimentos (paraplégicos e tetraplégicos). Os relatos de bem-estar e felicidade dos vencedores de loterias apresentaram alta imediata ao ganhar o prêmio, mas convergiam aos níveis anteriores conforme o tempo passava. Ou seja, depois de transcorrido determinado período, a tendência era de que a felicidade dos entrevistados voltasse ao mesmo nível anterior ao prêmio. Às pessoas que sofreram acidentes que culminaram na perda dos movimentos das pernas, o impacto negativo imediato do acidente foi assertivo. Porém, no transcorrer do tempo o nível de felicidade dessas pessoas tende a aumentar e voltavam também à uma tendência central.

Gilbert D., psicólogo e professor na Universidade de Harvard, explica no livro “*Stumbling on happiness*” que existe uma propensão central ao qual o nível de felicidade tende a voltar e permanecer. Os picos de bem-estar relatados pelos vencedores da loteria, por exemplo, seriam oriundos de uma falsa percepção dos benefícios que o evento positivo supostamente ensinaria, uma vez que os vencedores superestimam o evento e que acabam exagerando, se iludindo em relação a como realmente se sentem (há aqui o problema da subjetividade da felicidade, uma vez que não detém métrica objetiva, sendo dada a sua mensuração pela percepção dos indivíduos). No trabalho “*Would You Be Happier If You Were Richer? A Focusing Illusion*” de Kahneman D. e outros, o fator ilusão também é abordado como variável que superestima o valor de determinado evento.

Gilbert cita ainda a adaptação psicológica, fator responsável pela adaptação dos indivíduos às mudanças da vida. Assume ainda que as pessoas têm alto poder de adaptação às mudanças, sejam elas positivas ou negativas. Dessa maneira, as mudanças interferem na percepção de bem-estar dos indivíduos, mas ao ocorrer a adaptação à nova realidade, o fator que antes era causador de felicidade ou infelicidade passa a se tornar parte do comum, levando o indivíduo a uma habituação com a nova ocasião.

A admissão da renda como fator relativo também deve ser considerada quando se observa suas variações no curto prazo de tempo. O valor referencial da renda é, normalmente, o valor imediatamente anterior ao novo valor. Assim, a variação da percepção de felicidade se apresenta em razão do evento positivo (aumento da renda), ao passo que a habituação à nova situação, que se apresenta como um fator psicológico e é gerada pelo passar do tempo, dissipa a percepção de felicidade oriunda do benefício. Dessa forma, a relatividade da renda pode

impactar a percepção de felicidade do indivíduo mesmo que sua renda seja mantida inalterada em termos reais. A ocasião citada ocorreria, por exemplo, num cenário em que numa família todos os membros, excetuando-se uma única pessoa, recebessem um aumento salarial no mesmo período. No caso em tela, em razão do membro isolado não ter sido contemplado com o aumento salarial, sua renda se manteria a mesma e ele ainda seria capaz de providenciar a mesma quantidade de bens e serviços que previa anteriormente. O valor da sua renda relativa, entretanto, sofreria uma depreciação, uma vez que perdeu poder de compra frente ao seu entorno social. Dessa maneira, assumida a renda relativa, é provável que este funcionário tenha sua percepção de bem-estar reduzida (causando infelicidade). Nessa esteira, a relação positiva do consumo e do aumento do poder de compra com o bem-estar seria resultado de uma falsa intuição, ocorrendo, na realidade, a relação positiva entre o aumento de poder de compra relativo (especialmente em relação às pessoas do círculo social próximo) e o bem-estar.

2.6 DOS SUBSTITUTOS DA RENDA E A INCORPORAÇÃO DE OUTRAS VARIÁVEIS.

As práticas associadas aos fatores sociais podem estar mais correlacionadas com a felicidade do que a renda. É o que explica Lieberman M.D (2013), neurocientista e professor da Universidade da Califórnia, em sua obra *“Social: Why Our Brains are Wired to Connect”*. O professor argumenta que as conexões sociais, que podem se dar de maneiras diversas, exercem papel essencial para a saúde mental e para o bem-estar, ao passo que a falta de conexões sociais, expressando-se na solidão e no isolamento social, podem estar negativamente relacionadas com a felicidade. Como método quantitativo, Lieberman adotou valores em moeda (dólares) para mensurar o peso que as ações sociais teriam no bem estar dos indivíduos. De acordo com o neurocientista, prestação de serviços voluntários, o exercício da caridade (por meio de doações) e a prática de ter encontros frequentes com bons amigos podem ter efeito sobre o bem-estar equivalentes a dobrar a renda do indivíduo (*“Social Why Our Brains Are Wired to Connect”*, pág 247). Sob o entendimento de que outras variáveis, senão as econômicas, estariam possivelmente relacionadas com o bem-estar, Frey (2008) infere que as organizações democráticas possuem impacto positivo significativo sobre o nível de bem-estar das pessoas (pág. 64), fator que foge do aspecto financeiro. Ainda nesse sentido, é conclusão de Liliana Winkelmann e Rainer Winkelmann (2010) que o desemprego detém impacto negativo significativo e substancial na satisfação do indivíduo. Em *“Why are the unemployed so*

unhappy?” a autora vai além e explica que os custos não pecuniários oriundos do desemprego em muito superam os custos pecuniários relativos à perda da renda resultante do desemprego, sugerindo que fatores diversos associados ao desemprego (que não somente perda da renda) afetam o nível de felicidade das pessoas.

Assim, várias outras variáveis podem estar estritamente relacionadas com a percepção de felicidade do próprio indivíduo, como a idade, o sexo, o estado civil (solteira, casada, viúva), o número de filhos, o tempo empenhado no trabalho, a quantidade de tempo livre e de lazer, a vividez sexual, fatores políticos como a democracia e a liberdade de expressão, o meio ambiente, a religião, a quantidade de irmãos, a relação dos pais, o envolvimento com vícios, dentre outros.

3 SELEÇÃO E ANÁLISE EXPLORATÓRIA DAS VARIÁVEIS PREDITORAS

Como determinantes do bem-estar subjetivo, foram analisados os comportamentos de oito variáveis, que se dividem em fatores econômicos e não econômicos. Como fatores econômicos, foram selecionados: a variação do produto interno bruto per-capita (medido pelo logaritmo do produto interno), o nível de desemprego, o nível de subutilização da força de trabalho, o nível de pobreza e o índice de confiança do consumidor. Como variáveis de natureza não econômica, foram selecionados os seguintes fatores: o suporte social, a expectativa de vida saudável ao nascimento e a percepção de corrupção sobre o país.

3.1 MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA DAS VARIÁVEIS ECONÔMICAS

Conforme amplamente abordado no primeiro capítulo, o nexos entre fatores econômicos e bem-estar é largamente abordado pela literatura, se mantém como tópico central na doutrina Econômica (meticulosamente abordado em qualquer manual de microeconomia) e permanece sendo amplamente utilizado até os dias atuais como fator determinante nas adoções de políticas públicas. Assim, a inclusão de variáveis de natureza econômica e financeira vai de encontro com os princípios da economia tradicional e possui respaldo no amplo conhecimento econômico desenvolvido durante séculos por esta ciência.

3.2 MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA DAS VARIÁVEIS NÃO ECONÔMICAS

Ainda de acordo com os expostos do Capítulo 1, Lieberman M.D (2013) e Frey (2008) sugerem que outros fatores, que não econômicos, são determinantes do nível de bem estar subjetivo. Os comportamentos humanos demonstrados nos estudos mencionados levaram a escolha das variáveis não econômicas que serão objeto de análise deste capítulo. Embora a abordagem da economia tradicional tenha se concentrado na relação de fatores econômicos, o nexos entre fatores não econômicos e bem-estar tem sido reconhecido e abordado por economistas da atualidade cada vez mais.

3.3 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS

A tabela 1 apresenta os valores das correlações entre as variáveis selecionadas e o bem estar. A análise exploratória primária dos dados permite a observação do comportamento das variáveis e é crucial para o desenvolvimento e formulação dos modelos estatísticos a serem realizados posteriormente.

Tabela 1 – Tabela de correlação entre variáveis selecionadas e o bem estar

	Bem Estar	LOG PIB PC	Desemprego	Subutilização	Pobreza	ICC Bacen	Suporte Social	Expectativa de vida Saudável	Corrupção
Bem Estar	1	0,885	-0,802	-0,895	-0,670	0,540	0,631	-0,803	-0,454
log PIB per capita	0,885	1	-0,971	-0,976	-0,722	0,631	0,383	-0,678	-0,635
Desemprego	-0,802	-0,971	1	0,966	0,788	-0,608	-0,317	0,575	0,654
Subutilização	-0,895	-0,976	0,966	1	0,824	-0,625	-0,454	0,754	0,661
Pobreza	-0,670	-0,722	0,788	0,824	1	-0,534	-0,486	0,653	0,591
ICC Bacen	0,540	0,631	-0,608	-0,625	-0,534	1	0,079	-0,530	-0,887
Suporte Social	0,631	0,383	-0,317	-0,454	-0,486	0,079	1	-0,674	0,120
Expectativa de vida Saudável	-0,803	-0,678	0,575	0,754	0,653	-0,530	-0,674	1	0,486
Corrupção	-0,454	-0,635	0,654	0,661	0,591	-0,887	0,120	0,486	1

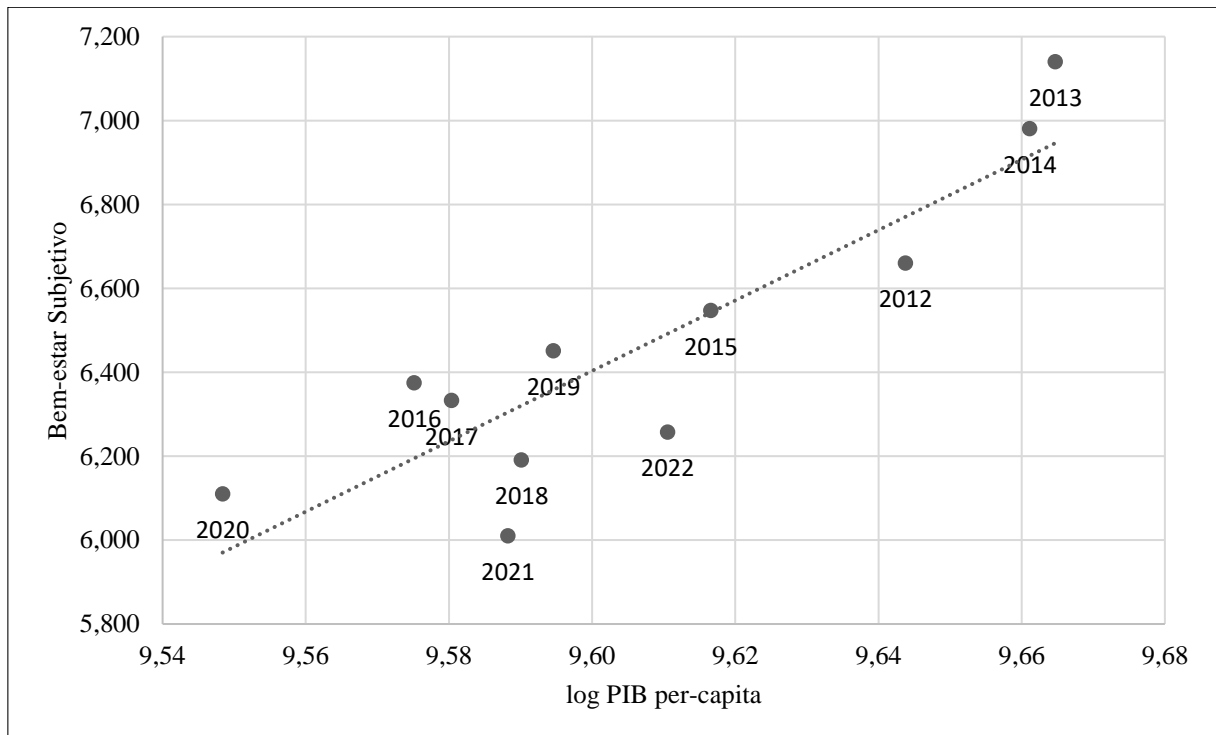
Fonte: PNADC – IBGE; World Happiness Report 2023; Elaboração própria.

Varição do PIB per-capita: Richard Easterlin (1974) sugere que o nível do produto de uma economia pode não possuir impacto sobre o bem estar subjetivo das nações no longo prazo. Averiguou-se, entretanto, relação positiva entre bem-estar e renda dentro de cada país em períodos de tempo menores. Observa-se, assim, que o incremento da renda afeta positivamente a felicidade em curtos períodos de tempo, apesar da não relação no longo prazo. Considerando ainda a constatação semelhante de Stevenson e Wolfers (2013), que apurou que

peças com maior renda tendem a se declararem mais felizes, desprende-se que o bem-estar pode não está relacionado com a renda no longo prazo em razão dos efeitos de habituação presente nas pessoas, conforme evidenciado por Brickman, Coates e Janoff-Bulman em “*Lottery Winners and Accident Victims: Is Happiness Relative?*”. Ao analisar a variação da renda nos períodos selecionados, busca-se apurar o efeito causal da renda sobre a felicidade para curtos períodos de tempo, antes do processo de habituação (ou adaptação) findar-se.

Espera-se, assim, uma relação positiva entre a variação do produto e o nível de felicidade. Para o caso do Brasil, tem-se correlação positiva entre bem-estar e log de PIB per-capita. O Gráfico 1 ilustra a relação entre PIB per-capita e bem-estar subjetivo.

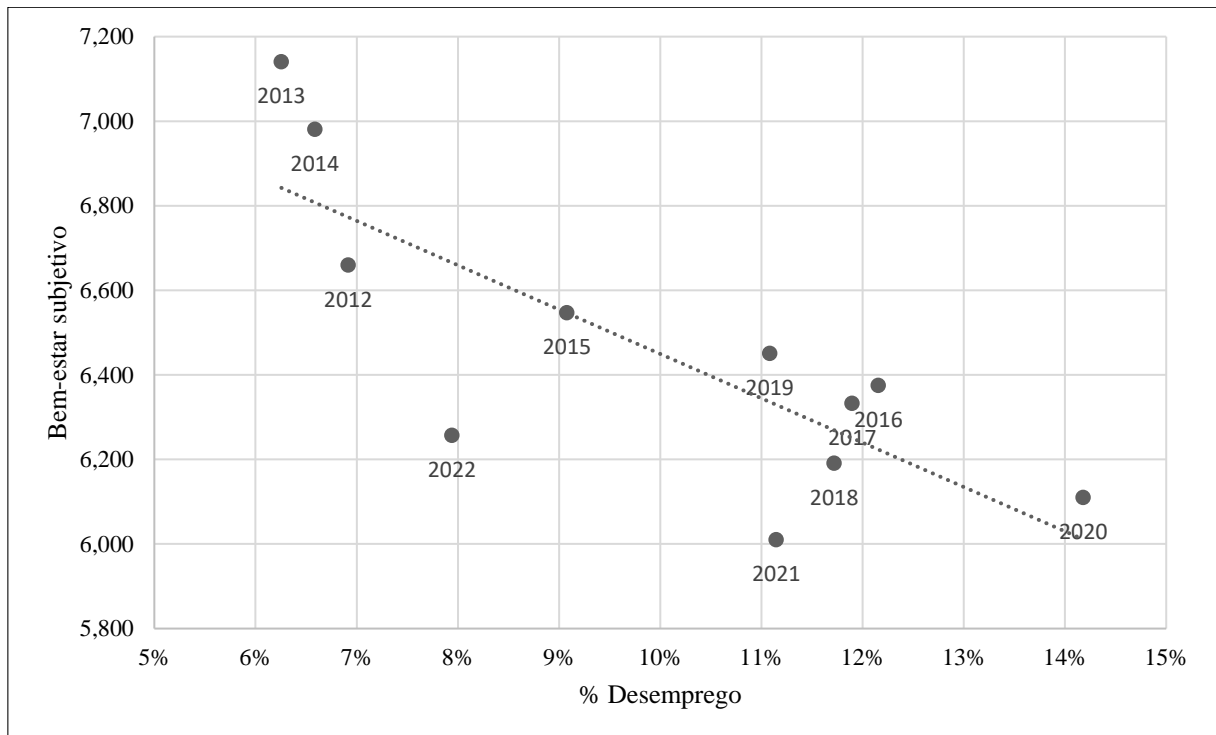
Gráfico 1 – Dispersão Bem-estar Subjetivo e log PIB per-capita com linha de tendência (2012 a 2022)



Fonte: World Happiness Report 2023; Elaboração Própria.

Nível de desemprego: Trata-se de uma variável que extrapola o fator renda, pois pode também afetar condições subjetivas, podendo dar origem a sentimentos que impactam negativamente na percepção de bem-estar, como insegurança e ansiedade. Se extrai de *Boon or Bane? Others' Unemployment, Well-being and Job Insecurity* (Clark, Knabe e Rätzl) que a falta de ocupação profissional pode ser fator gerador de frustrações e desesperança dos indivíduos, o que provocaria a relação negativa entre bem-estar e desemprego. Espera-se, assim, que a desocupação, ou desemprego, afeta negativamente o bem-estar geral e a sensação de satisfação com a vida. O Gráfico 2 ilustra a relação entre desemprego e bem-estar subjetivo.

Gráfico 2 - Dispersão Bem-estar Subjetivo e desemprego com linha de tendência (2012 a 2022)

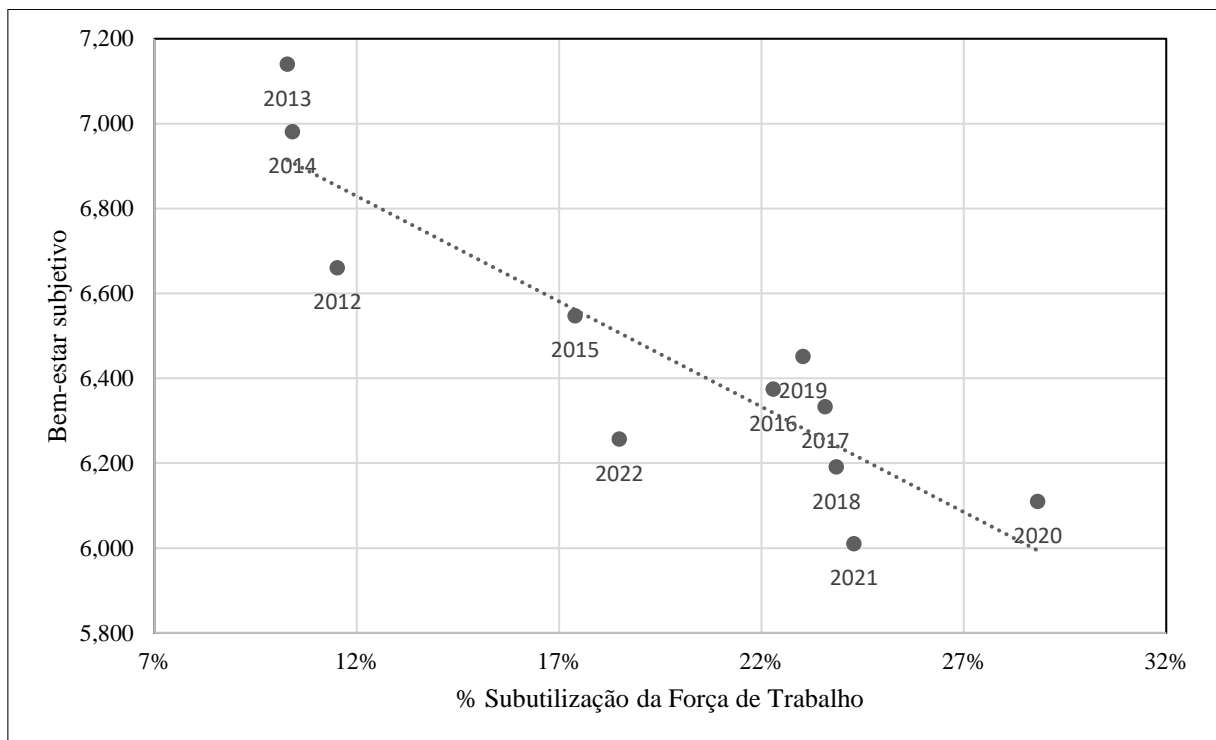


Fonte: PNADC – IBGE; World Happiness Report 2023; Elaboração própria.

Em análise dos dados, observa-se que o desemprego apresentou uma leve queda nos primeiros anos da análise (2012 a 2013), passando de 6,91% em 2012 para 6,26% em 2013. No entanto, houve um aumento gradual a partir de 2014, período em que pode ser apontado como início de uma crise política e econômica que se daria no país. A máxima do desemprego foi registrada em 2020 (momento que registrou maior intensidade do isolamento social no país provocado pela pandemia de COVID-19), com uma taxa de 14,18%.

Nível de subutilização da força de trabalho: A subutilização da força de trabalho compreende à parte da população que, apesar de capaz de exercer o labor, por motivos diversos, não exerceram. Espera-se desta variável comportamento similar à taxa de desemprego, ou seja, espera-se que o aumento do nível de subutilização impacte negativamente o nível de bem estar da população. O gráfico 3 ilustra a relação entre bem-estar e a subutilização no Brasil.

Gráfico 3 – Dispersão Bem-Estar subjetivo e % subutilização com linha de tendência (2012 a 2022)



Fonte: PNADC – IBGE; World Happiness Report 2023; Elaboração própria.

Grau de pobreza da população: Compõem o nível de pobreza pessoas que recebem até 60% da renda mediana da população. Assim como o desemprego, a variável pobreza extrapola o fator renda e representa outros aspectos, pois está associada a fatores sociais diversos, como a exclusão social, a marginalização, o sentimento de injustiça e a falta de reconhecimento frente à sociedade. Espera-se, portanto, que a pobreza seja fator que tenha impacto negativo sobre a felicidade de uma população. O gráfico 4 ilustra a relação entre bem-estar e pobreza.

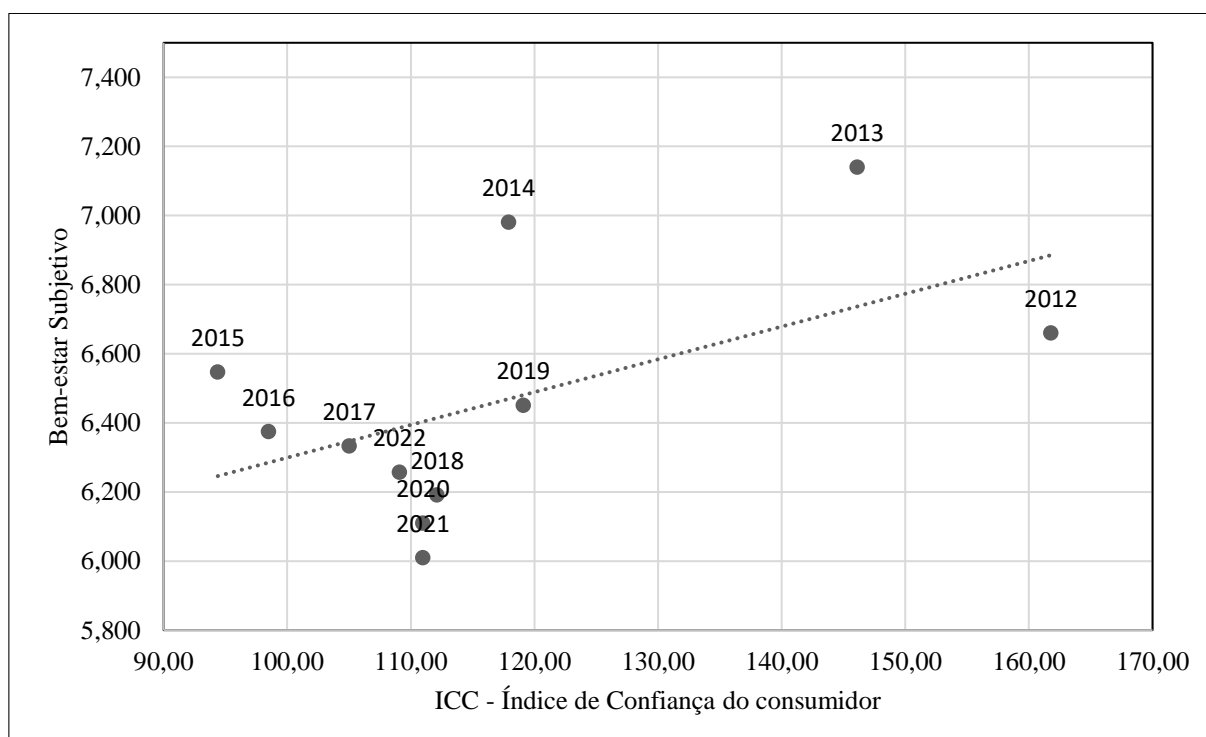
Gráfico 4 – Dispersão Bem-Estar subjetivo e % pobreza com linha de tendência (2012 a 2022)



Fonte: PNADC – IBGE; World Happiness Report 2023; Elaboração própria.

Índice de Confiança do Consumidor: A confiança do consumidor pode ser interpretada como um indicador de incerteza da população frente a perspectiva financeira e econômica. É esperada da associação entre o índice de confiança do consumidor e bem estar uma relação positiva, ou seja, quanto maior a confiança do consumidor, maior o índice de felicidade. O gráfico 5 ilustra a relação bem-estar e Índice de Confiança do Consumidor.

Gráfico 5 – Dispersão Bem-estar subjetivo e Índice de confiança do Consumidor com linha de tendência



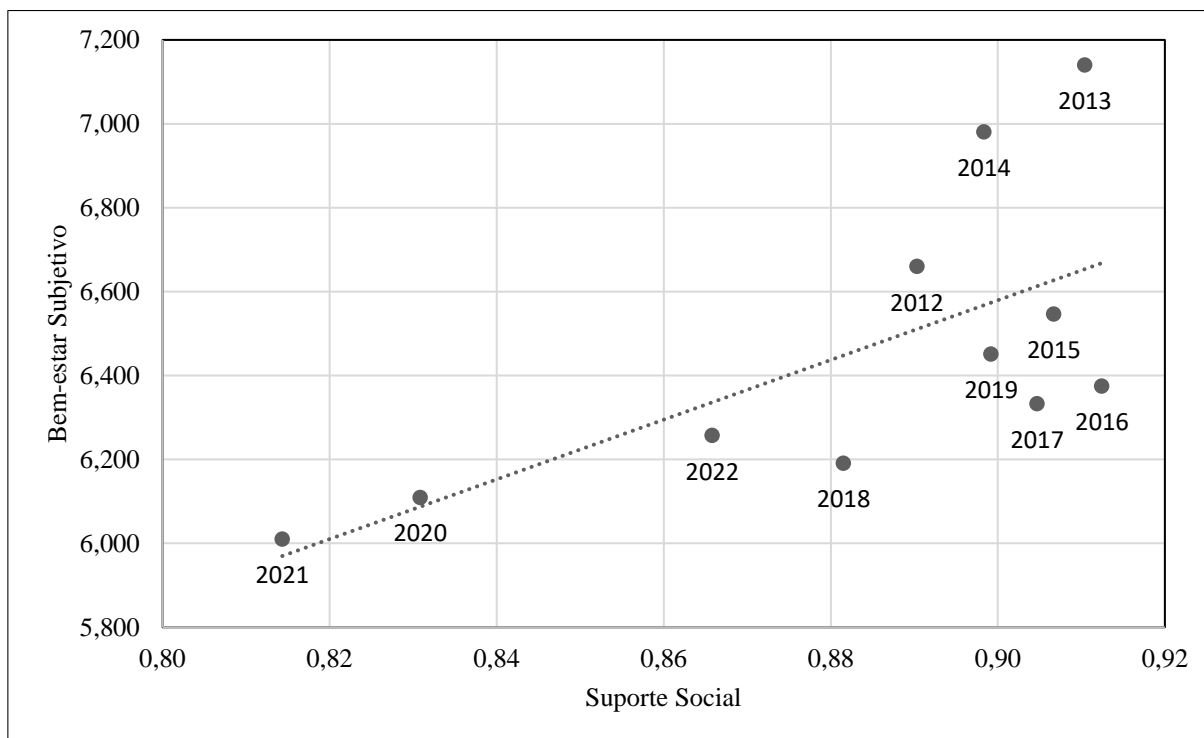
Fonte: BACEN – Departamento Econômico; World Happiness Report 2023; Elaboração própria.

Conforme a expectativa sobre as variáveis apresentadas, acredita-se, no primeiro momento, que a pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo nesses indicadores (aponta-se principalmente a anomalia sistemática nos números de 2020, quando os efeitos de isolamento da pandemia atingiram seu auge). O notável aumento do desemprego e da subutilização da força de trabalho pode ser atribuído às restrições para conter a propagação do vírus, que levaram ao fechamento de empresas e à redução da atividade econômica.

Suporte Social: O fator de suporte social mede o cuidado prestado das pessoas umas com as outras. Como medida, representa a parcela da população que possui pessoas com quem

podem sempre confiar, sejam amigos ou parentes. Espera-se correlação positiva entre suporte social e bem-estar. O gráfico 6 ilustra a relação bem-estar e suporte social.

Gráfico 6 – Dispersão Bem-estar subjetivo e Suporte Social com linha de tendência (2012 a 2022)

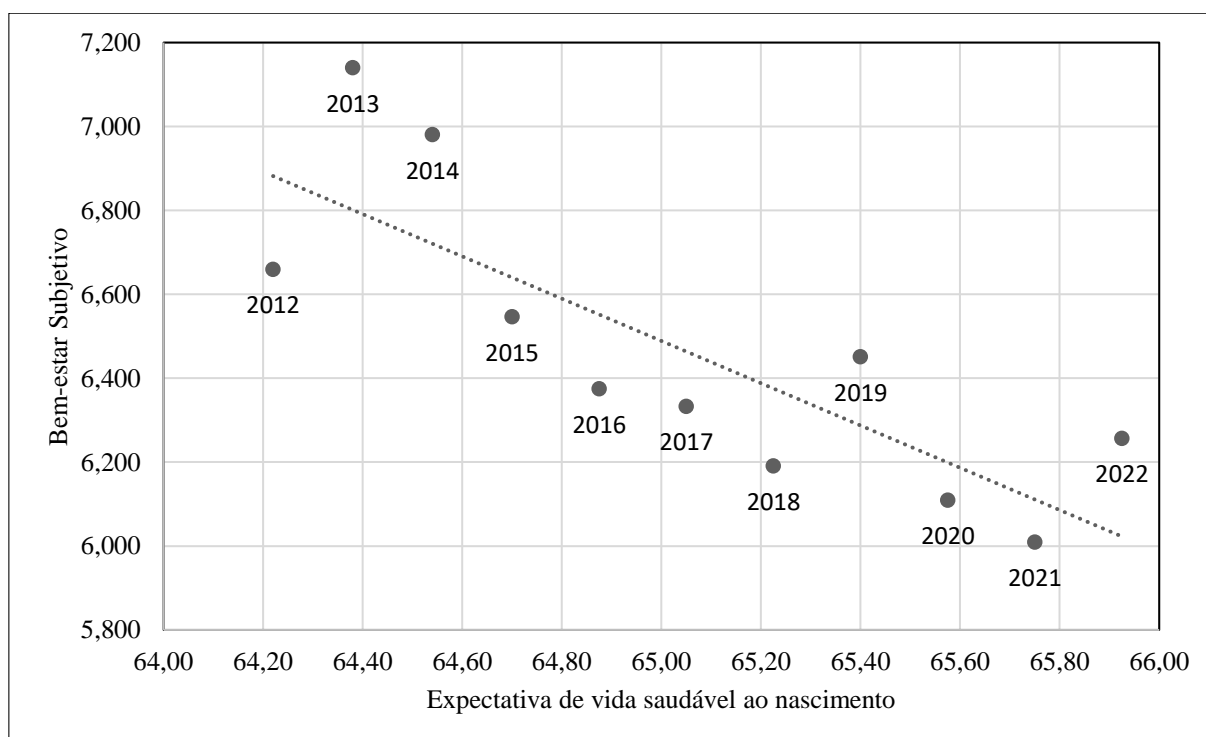


Fonte: World Happiness Report 2023; Elaboração Própria.

A taxa de suporte social iniciou o período com valores relativamente altos. Apresentou 89,03% em 2012 e expressou um aumento gradual nos anos seguintes, atingindo seu valor máximo em 2016, com 91,25%. A partir de 2017, observou-se uma leve queda, com oscilações ao longo dos próximos anos. No ano de 2020 a taxa de suporte social sofreu queda brusca (-6,8 pontos percentuais, maior variação do período analisado), saindo de 89,91% de 2019 para 83,08% em 2020. Observa-se que a forte redução no ano de 2020 pode ter sido ocasionada pela ocorrência da pandemia de COVID-19. As dificuldades impostas pela doença podem ter sido fator que colocou as relações sociais à prova, ou seja, o círculo de pessoas em quem se pode confiar pode ter sofrido redução em razão da ocasião prática de esperar suporte e não o ter. Em 2021, a taxa continuou em queda e marcou 81,43%, seguida de uma ligeira recuperação em 2022, com 86,58%. O comportamento da variável para o período selecionado indica leves variações na confiança da população ao contar com o suporte de amigos ou parentes.

Expectativa de vida saudável no nascimento: A longevidade da vida, especialmente da vida saudável, pode estar relacionada a uma menor incidência de doenças graves e crônicas, inclusive mentais, como a depressão e ansiedade. Entende-se que a longevidade da vida está relacionada com o fator saúde e, conforme raciocínio, mais longa será a vida quanto maior a saúde for. Espera-se impacto positivo entre expectativa de vida saudável e bem-estar.

Gráfico 7 – Dispersão Bem-Estar e Expectativa de vida saudável ao nascimento com linha de tendência (2012 a 2022)

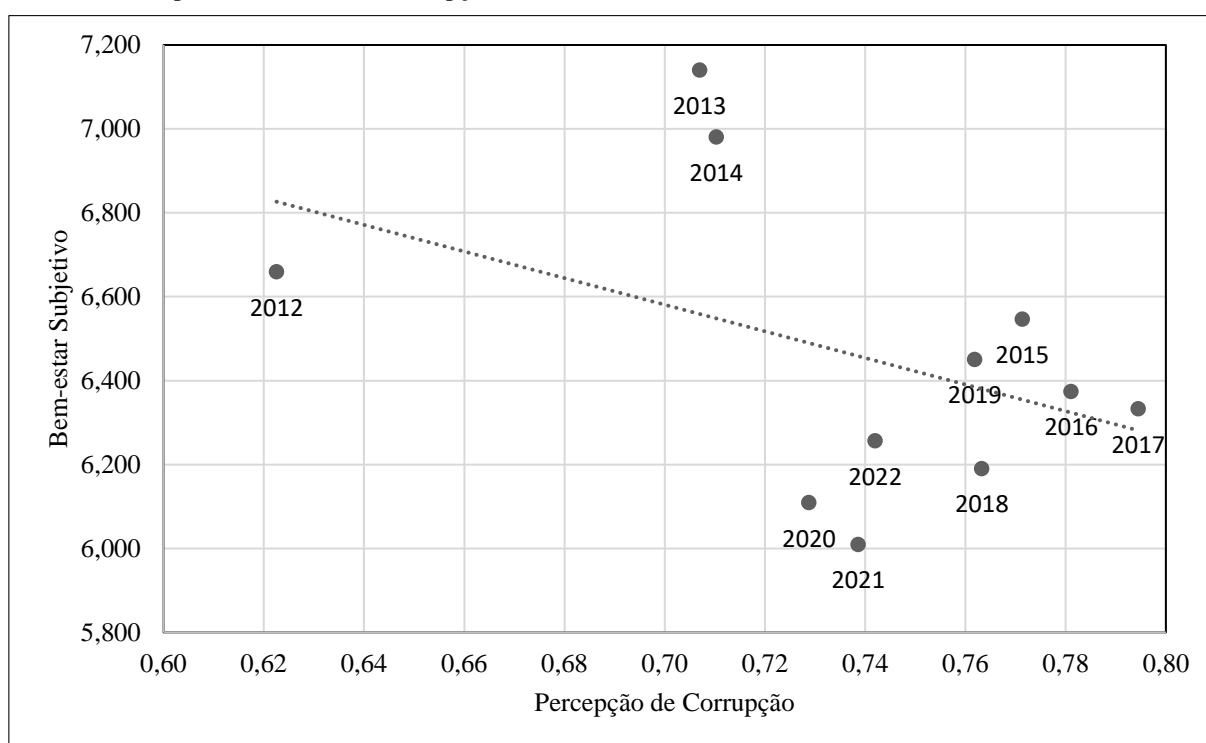


Fonte: World Happiness Report 2023; Elaboração Própria.

A expectativa de vida saudável ao nascimento no Brasil no período de 2012 a 2022 apresenta aumento quase linear ao longo dos anos selecionados. A expectativa de vida saudável iniciou o período em 64,22 anos em 2012 e apresentou um crescimento constante, atingindo 65,925 anos em 2022. Esses dados podem indicar um progresso na qualidade da saúde da população, e podem ainda estar relacionados com avanços tecnológicos da medicina ou com a expansão de políticas públicas no país.

Corrupção: A percepção de corrupção de uma população é um fator que, para o Brasil, está associado e enseja sentimento de indignação e movimentos sociais de revolta. Como métrica, mede a proporção da população que acredita que o fator corrupção está disseminado no meio privado (empresas) ou no governo. Por impactar a confiança nas instituições, prejudicar as relações sociais e gerar sentimentos de desigualdade, injustiça, raiva, entre outros maus sentimentos, espera-se que a corrupção tenha impacto negativa sobre o bem-estar da população.

Gráfico 8 – Dispersão Bem-Estar e corrupção com linha de tendência (2012 a 2022)



Fonte: World Happiness Report 2023; Elaboração Própria.

A percepção da população sobre a corrupção no país teve um aumento significativo entre 2012 e 2017, passando de 62,25% para 79,45%. Expressou a maior alta em 2013, momento em que o então governo sofria fortes acusações de desvios de decoro, o que promoveu forte instabilidade política no país. O ano de 2013 ficou marcado pelos altos gastos públicos em construções de estádios luxuosos. Os gastos possuíam como pretexto o país sediar o evento Copa do Mundo em 2014, organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). A percepção popular sobre os elevados custos para a construção e manutenção de estádios pode ter sido principal fator que elevou a percepção de corrupção da população frente ao governo na época, que marcou o início de uma crescente crise política e crescente percepção sobre

corrupção no país. O índice apresentou a máxima (dentro do período selecionado) em 2017, primeiro ano após o impeachment da presidente Dilma Roussef, mas passa a apresentar baixas a partir de 2018, mantendo oscilações ao longo dos anos seguintes.

4 ANÁLISE EMPÍRICA DOS DADOS SELECIONADOS

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, existem indícios que apontam para uma eventual correlação entre as variáveis (econômicas/não econômicas) selecionadas e bem-estar. A possível correlação apurada pode se apresentar como um indício de uma potencial causalidade entre os fatores escolhidos e o bem estar. Por oportuno, aponta-se que a suposta correlação observada, entretanto, não garante que as variáveis estejam diretamente relacionadas, podendo haver, dessa maneira, correlação espúria.

4.1 MODELO DE REGRESSÃO LINEAR SIMPLES

Com finalidade de entender e modelar a relação entre as variáveis selecionadas e o bem-estar (ou felicidade), foram elaborados modelos de regressões lineares que envolvem os fatores econômicos/não econômicos e suas taxas de variação, medidas pelo logaritmo na base 10 destas variáveis. O método estatístico regressão linear simples objetiva encontrar equação de linha reta que descreva a relação entre as variáveis explicativa e dependente. A equação matemática que descreve genericamente a regressão linear simples é expressada por:

$$y = b + mx$$

Em que y é a variável dependente (resposta) que se busca prever. Para o caso em tela, assumimos que y corresponde ao bem-estar ou felicidade estimada. O termo x da equação equivale à variável preditora, ou seja, o fator que afeta ou causa y no modelo e m representa a alteração em y dada a unidade alterada em x . O termo b representa o intercepto do modelo, sendo o coeficiente linear da regressão. Dessa forma, as regressões lineares simples resultam em equações cuja expressão se dá em uma linha reta que melhor descreve a relação entre duas variáveis.

4.2 MODELO DE REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA

Em razão de terem sido selecionados fatores diversos como variáveis preditoras, assumimos que o modelo de regressão linear simples não será suficiente para o levantamento

das relações e possíveis causalidades entre bem-estar e outros fatores. Dessa forma, assume-se a regressão linear múltipla, que estende o conceito da regressão linear simples para a adição de outras variáveis explicativas em um mesmo modelo. Na regressão linear múltipla a relação de causalidade pode se dar com duas ou mais variáveis preditoras. A equação matemática da regressão linear múltipla pode ser expressada da seguinte forma:

$$y = b_0 + b_1x_1 + b_2x_2 + b_3x_3 + \dots + b_nx_n$$

De forma semelhante à regressão linear simples, na equação de regressão linear múltipla y representa a variável dependente que se pretende prever, b_0 equivale ao intercepto do modelo, b_1, b_2, \dots, b_n são os coeficientes das variáveis independentes e são equivalentes ao efeito (ou impacto) que a alteração na unidade de x_1, x_2, \dots, x_n provoca em y . Os termos x_1, x_2, \dots, x_n , são as variáveis independentes assumidas no modelo para realizar a estimativa de y .

4.3 CÁLCULOS E ANÁLISES ESTATÍSTICAS

Nesse sentido, faz-se necessário calcular essencialmente os valores de $b_0, b_1, b_2, \dots, b_n$. Para isso, foi utilizada a linguagem de programação R através do software RStudio, ambiente em que foram efetuados os cálculos das regressões lineares e também estruturados os dados extraídos da PNAD (IBGE), do World Happiness Report e das demais fontes. A tabela 2 expressa os resultados de 5 regressões realizadas. Para cada regressão é possível observar, por meio da tabela 2, o valor que o intercepto assumiu, os valores dos coeficientes $b_0, b_1, b_2, \dots, b_n$, o valor dos valores P (utilizado para indicar o nível de significância estatística do coeficiente estimado da variável independente em relação à variável dependente na regressão linear) e o valor de R^2 , utilizado para medir o quanto as variações da variável dependente podem ser atribuídas às variações das variáveis independentes assumidas no modelo. Dessa maneira, o valor de R^2 mede a qualidade do modelo como explicativo da variável dependente ao passo que os níveis de significância ajudam a determinar se as variáveis independentes possuem impacto real nas estimativas.

Tabela 2 – Regressões Lineares simples e múltiplas

	<i>Bem estar</i>				
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
<i>Intercepto</i>	-76,120 ***	-94,132 ***	-107,812 ***	-86,730 ***	-89,242 ***
	>0,0001	>0,0001	>0,0001	>0,0001	>0,0001
<i>Log PIB per capita</i>	8,596 ***	10,414 ***	11,853 ***	9,374 ***	7,583 ***
		>0,0001	>0,0001	>0,0001	>0,0001
<i>Desemprego</i>		0,186 ***	0,194 ***	0,125 ***	0,275 ***
		>0,0001	>0,0001	>0,0001	>0,0001
<i>Subutilização</i>		-0,067 ***	-0,058 ***	-0,044 ***	-0,139 ***
			>0,0001	>0,0001	>0,0001
<i>Pobreza</i>			-0,025 ***	0,025 ***	0,008 ***
			>0,0001	>0,0001	>0,0001
<i>ICC Bacen</i>				0,000 ***	0,006 ***
				>0,0001	>0,0001
<i>Suporte Social</i>				0,026 ***	0,013 ***
				>0,0001	>0,0001
<i>Expectativa de vida saudável ao nascimento</i>					0,290 ***
					>0,0001
<i>Percepção de Corrupção</i>					0,027 ***
					>0,0001
<i>R²</i>	0,783	0,899	0,899	0,925	0,949

4.4 ANÁLISE DAS REGRESSÕES REALIZADAS

Na primeira regressão, em que foi realizado o modelo de regressão linear simples (RLS), isto é, modelo que considera apenas uma variável como fator explicativo para o bem-estar, assumimos a variação do PIB per capita (medido pelo logaritmo do PIB per capita) como fator preditor. O valor do intercepto para a RLS apresentou valor negativo, o que indica que a variação do PIB per capita seria essencial para promover o bem-estar ou felicidade das pessoas. Dessa maneira, por o modelo assumir apenas uma variável como explicativa, a equação expressa uma linha reta em que determina:

$$\text{Bem estar} = -76,120 + 8,596 \times \log(\text{PIB per capita})$$

Dessa forma, por se tratar de um modelo nível – log ou lin – log, (em que a variável dependente é mantida em termos nominais e a variável explicativa está admitida no formato logarítmico), quando a variável PIB per capita for igual a 1, teremos que $\log(\text{PIB per capita})$ será equivalente a 0 e o nível de bem estar assumirá o valor de -76,120. Ainda sob interpretação do modelo lin-log, a cada variação de ponto percentual que a variável PIB per capita sofrer, haverá um impacto de mais ou menos 8,596 no nível de bem estar, a depender da natureza (sinal) da variação ocorrida em PIB per capita.

O nível de significância de \log do PIB per capita, fator explicativo do modelo de regressão linear simples, apresentou valor menor que 0,001, que é menor que 5% e que sugere que a variável detém expressivo impacto e se apresenta como confiável para a realização das previsões em comento. Ainda nesse sentido, R^2 apresentou valor superior a 70%, o que também sugere que o modelo de RLS pode estar bem especificado.

No segundo de modelo de regressão realizado, além da variável \log do PIB per capita, foram incluídas também como fatores preditores o nível de desemprego e o nível de subutilização. Conforme explicitado anteriormente, o modelo que envolve mais de uma variável como determinante explicativa estende o conceito da regressão linear simples e admite a adição de outras variáveis no modelo, em consonância com o operado na segunda regressão.

O intercepto b_0 , quando consideradas as variáveis log do PIB per capita, Desemprego e Subutilização, manteve a apresentação de valor negativo observado na primeira regressão, indicando, neste momento, que o baixo nível de bem estar é regra, sendo as demais variáveis responsáveis por afetar positivamente e elevar a felicidade observada. Ao acrescentar novas variáveis ao modelo, o impacto positivo que a variação de um ponto percentual em PIB per capita detinha se intensifica, passando de 8,596 para 10,414.

Em razão das variáveis desemprego e subutilização serem medidas em termos percentuais (do total da população) a interpretação para os coeficientes desses fatores deve ser realizada de forma a entender que a variação de cada ponto percentual em subutilização, por exemplo, provocará um impacto negativo de 0,067 no valor nominal do bem estar estimado.

Assim como a variável subutilização, o desemprego foi significativo no modelo, porém apresentou valor positivo para o coeficiente, fato que contraria as expectativas nos capítulos anteriores.

Na terceira regressão foi inserido o fator Pobreza no modelo. Todas as variáveis foram significativas. Outra vez o valor do coeficiente do logaritmo do PIB per capita apresentou valor positivo. O coeficiente da variável desemprego também manteve o sinal positivo, ao passo que pobreza e subutilização apresentaram valores negativos e estão de acordo com as expectativas para essas variáveis expostas no capítulo anterior. Os resultados da terceira regressão sugerem que a presença da miséria (ou termos correlatos) está negativamente associada ao bem estar.

O quarto modelo apresentado inclui, além das variáveis de natureza econômica, um dos fatores de natureza não econômica, que é o fator denominado como Suporte Social. Ao total, foram incluídas duas outras variáveis ao modelo: ICC Bacen e Suporte Social. Como resultado, invariavelmente o valor do intercepto se manteve negativo e todas as variáveis apresentaram significância no modelo. As variáveis desemprego, pobreza e suporte social apresentaram valores positivos, ao passo que a variável subutilização se manteve negativa. A variável ICC Bacen, que expressa o nível de confiança do consumidor, apesar de ter apresentado valor positivo para o seu coeficiente, foi expressivamente diminuto, de maneira que pouco impacta a variável dependente bem estar.

Por derradeiro, foram incluídos na quinta regressão apresentada todos os fatores preditores escolhidos para compor os modelos previamente apresentados. Dessa maneira, estão inclusos no quinto modelo de regressão o logaritmo do PIB per capita, o desemprego, a subutilização, a pobreza, o ICC Bacen, o Suporte Social e a Percepção de Corrupção.

O intercepto b_0 mantém-se com valor negativo e o coeficiente de log de PIB per capita permanece com valor positivo. O coeficiente do nível de desemprego se mantém com valor positivo, o que contraria as expectativas relacionadas à variável demonstradas anteriormente. Contraria também dos resultados de estudos e pesquisas econômicas mencionadas nos capítulos anteriores, que têm firmamento robusto acerca do impacto negativo que a alta do desemprego pode causar no nível de felicidade das pessoas. O coeficiente de subutilização apresentou valores negativos, o que vai de encontro com o resultado esperado. Todas as outras variáveis apresentaram valores positivos para seus respectivos coeficientes, bem como alto nível de significância.

5 CONCLUSÃO

Os resultados das regressões elucidaram não apenas a relação entre as variáveis selecionadas e o bem estar, mas também forneceram informações contraditórias em relação às expectativas firmadas anteriormente e aos estudos antecedentes apresentados. Fundamentando-se em todas as regressões operadas nesta monografia, observa-se que a variação da renda per capita no Brasil possui impacto positivo no nível de felicidade das pessoas, o que sugere e nos leva a concluir que o crescimento financeiro é fator crucial para a manutenção do bem estar das pessoas no país. Ainda nesse sentido, o suporte social também apresenta efeito positivo sobre a felicidade de acordo com os modelos realizados. Assim, a crença de que há uma pessoa a qual possa sempre contar e confiar, inclusive em momentos de dificuldade e de crises pessoais, eleva o nível de felicidade e expressa que o afeto entre as pessoas favorece o desenvolvimento de ambientes mais felizes. A expectativa de vida saudável, que pode ser interpretada como um fator que mede a boa saúde da população, também possui impacto positivo sobre a felicidade e vai de encontro com as expectativas apresentadas. Tem-se, portanto, que o crescimento da renda per capita se revela como importante indicador para o mantimento do bem estar, entretanto, outros indicadores que não econômicos, mas que refletem diretamente a qualidade de vida das pessoas, também exercem papel fundamental para a manutenção da felicidade e devem ser levados em consideração numa abordagem mais abrangente.

Em contrapartida, indicadores como pobreza e desemprego apresentaram resultados divergentes dos estudos econômicos referenciais. Para o caso do desemprego observa-se relacionamento positivo com bem estar, o que vai na contramão do exposto por Winkelmann (2013), em que conclui categoricamente o efeito negativo que desemprego possui sobre a satisfação do indivíduo. Ainda assim, o suposto efeito positivo que o desemprego provocaria no bem estar no contexto brasileiro pode estar associado a outros fatores correlacionados, como a qualidade dos empregos no país e a implementação de políticas assistencialistas como o seguro desemprego. É possível que os fatores que amenizam o desprestígio (os efeitos negativos) de não possuir emprego possivelmente afetaram o indicador, proporcionando os resultados desta monografia.

Este trabalho apresentou que além dos fatores econômicos, outros aspectos devem ser considerados ao abordar o bem estar, enfatizando que a felicidade resulta não apenas do

crescimento econômico, mas da interligação de fatores sociais diversos, e destaca a importância de abordagens mais amplas para promoção de um país mais feliz.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **A política**. 3. ed. Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 2006. [século IV a.C.]

BENTHAM, Jeremy. **Principles of Morals and Legislation**. Kitchener: Batoche Book, 2000. [1789]

BRICKMAN, Philip; COATES, Dan; JANOFF-BULMAN, Ronnie. **Lottery Winners and Accident Victims: Is Happiness Relative?** Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 36, p. 917-927. 1978.

CAMPBELL, Angus. **The sense of Well-being in America**. McGraw-Hill Book Company, 1981.

CLARK, Andrew; KNABE, Andreas; RATZEL, Steffen. **Boon or Bane? Others' Unemployment, Well-being and Job Insecurity**. Labor Economics Vol.17. p.52-61. 2010

EASTERLIN, Richard A. **Does Money buy happiness?** The Public Interest, Vol. 30. p. 3-10, 1973.

EASTERLIN, Richard A. **Will raising the incomes of all increase the happiness of all.** Journal of Economic Behavior and Organization. Vol. 27. p.35-47, 1995.

FREY, Bruno S. **Happiness: A Revolution in Economics**. The MIT Press, 2008.

GILBERT, Daniel T. **Stumbling on Happiness**. Vintage Books USA, 2006.

JEVONS, William. S. **A Teoria da economia política**. Editora Nova Cultural Ltda, 1996. [1871]

KAHNEMAN, Daniel; KRUEGER, Alan B; SCHKADE, David; SCHWARZ, Norbert; STONE, Arthur A. **Would you be happier if you were richer? Focusing Illusion**. Science, Vol. 312. p.1908-1910. 2006.

LIEBERMAN, Matthew D. **Social: Why our brains are wired to connect**. Oxford University Press, 2013.

RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. Editora Nova Cultural Ltda, 1996. [1817]

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. Editora Nova Cultural Ltda, 1996. [1776]

SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais**. 2. ed. Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 2015. [1759]

SMITH, Tom W. **Happiness: Time Trends, Seasonal Variations, Intersurvey Differences, and Other Mysteries**. American Sociological Association, Vol. 42. p.18-30. 1979.

STEVENSON, Betsey; WOLFERS, Justin. **Subjective Well-Being and Income: Is There Any Evidence of Satiation?** American Economic Review. Vol. 103. p.598-604, 2013.

WALRAS, Léon. **Compêndio dos elementos de Economia Política Pura**. Editora Nova Cultural Ltda., 1996 [1874].

WINKELMANN, Liliana; WINKELMANN, Rainer. **Why are the unemployed so unhappy? Evidence From Panel Data**. Vol. 65. p.1-15. 1998